

20.000

~~24584~~

407

HISTÓRIA DE FLOR DE ALTURA E DO CONDE ESPANHOL

R. 139207



COLECÇÃO PÁTRIA—LIVRO NÚMERO DOZE

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1939

2.
27150



E X - L I B R I S



COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES
OFICINAS GRÁFICAS "MINERVA", DE
GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO
VILA NOVA DE FAMALICÃO - 1939

LIVRO DOZE

HISTÓRIA DE FLOR DE ALTURA E DO CONDE ESPANHOL

Reinava em Portugal D. Fernando, o *Formoso*; e sentada no trono ao seu lado lá estava a rainha Dona Leonor Teles a quem chamavam Flor de Altura por ser tão linda e ter subido tão alto.

Entre Portugal e Castela andara guerra acesa, e os espanhóis tinham entrado em Portugal e tomado muitas vilas e castelos e ido até Lisboa e feito muito dano em todo o reino.

El-rei D. Fernando não tinha jeito para governar nem a força de vontade tão precisa a um rei. Os fidalgos andavam divididos e o povo descontente. Perdiam-se as batalhas e andava tudo ao Deus dar. E Flor de Altura que só pensava em mandar e figurar, tecia intrigas e fazia o que queria, cuidando só da sua pessoa, sem amor nenhum pelo rei, nem pela terra de Portugal, nem pelo seu povo.

Mas onde a moleza e o descuido de el-rei D. Fernando o não deixava chegar, chegava a mão de Deus. Assim, por intermédio do Papa, lá se acabou a guerra e se fizeram pazes entre Portugal e Castela.

Mas D. Fernando não estava satisfeito. Sentia-se doente; já andava a escarrar sangue com a tísica de que mais tarde veio a morrer; e pensava nas contas que havia de dar a Deus do govêrno daquele povo que lhe fôra confiado.

Para aproveitar o tempo de vida que tinha, foi tratando de fazer cousas boas e acertadas. Mandou levantar fortes muralhas em tôrno da cidade de Lisboa, abrangendo grande espaço, de modo que tôda ela ficou muito bem defendida. Do mesmo modo mandou cercar com bons muros a cidade de Santarém e mandou fazer grandes obras e concertos de defesa em muitas outras vilas e castelos, o que foi um grande bem e veio a servir de muito, mais tarde. Não contente com isto, mandou que as terras de pão que andavam pelas ruas da amargura, abandonadas e maninhas, fôsem tôdas lavradas e semeadas e deu também as suas ordens para que se construíssem navios a-fim-de que fôsse boa a frota portuguesa. Tôdas estas cousas foram destinadas com muita sabedoria. E havia agora muito menos vadios e pobres a pedirem, porque el-rei só dava licença de pedir esmola a quem não pudesse trabalhar por ser doente, velho ou estropiado.

As terras começaram a dar mais pão, navios novos a fazerem serviço, o comércio a alargar-se e a gente a viver mais sossegada dentro das cidades e vilas bem cercadas.

Mas o demónio tentava el-rei.

— Quero outra guerra contra Castela, — dizia D. Fernando de si para si, — que a primeira foi uma vergonha.

Pensava no modo como havia de levar as cousas para não lhe acontecer como da outra vez. Reüniu o seu conselho e perguntou aos fidalgos e aos bispos como havia de começar a guerra contra Castela.

Os conselheiros disseram assim:

— Senhor, vós sabeis todos os males que a guerra trouxe a Portugal. Castela é um reino muito grande e tem muita boa gente de armas; e o vosso

reino é tudo pelo contrário. Agora que firmastes pazes com el-rei D. Henrique de Castela e que êle já morreu e tudo está em sossêgo, bem melhor será pôr em ordem êste vosso reino de Portugal e não ir buscar guerras escusadas.

El-rei D. Fernando ouviu tudo isto e no fim respondeu:

— Quere-me parecer que vós outros não entendestes bem a minha pergunta. Não vos pedi conselho se devia ou não fazer a guerra, mas só vos perguntei qual seria a melhor maneira de a fazer.

Os fidalgos tornaram com as suas ajuizadas razões e acrescentaram que, depois de tantas promessas e juramentos de paz que D. Fernando fizera aos castelhanos, bem mal pareceria e contra sua honra faltar assim à sua palavra. Mas tudo que disseram de nada serviu.

Ora, nos ajustes de paz feitos entre Portugal e Castela, uma das condições era que el-rei D. Fernando havia de botar fora do seu reino uns poucos de fidalgos espanhóis que o serviam. D. Fernando assim fêz; um desses fidalgos, chamado João Fernandes Andeiro, a quem el-rei tinha bastante amizade — e a rainha ainda mais —, abalou para a Corunha, de onde era natural; aí, ajudado por gente sua, saqueou e roubou essa cidade, e metendo-se num navio, foi-se embora com suas riquezas para Inglaterra. Andando por lá, como era gentil homem, bem parecido, esperto, de boas maneiras e bonitas falas, em pouco tempo se tornou muito bem visto na côrte e andava metido em grandes amizades com o rei daquelas terras e, sobretudo, com seus dois filhos, o duque de Lencastre e o conde de Cambridge.

El-rei D. Fernando, quando tal soube, escreveu secretamente a êste João Fernandes Andeiro, dizendo-lhe que tratasse com o duque mais com o irmão, de fazer um ajuste para êles o virem ajudar na guerra que agora queria começar contra os castelhanos; mas que fizesse tudo isto em grande segredo.

O Andeiro ficou todo contente com êste recado; já se via de volta em Portugal, e êle lá tinha suas razões para tal desejar, como veremos. Tais artes teve que persuadiu os príncipes inglêses a aceitarem a combinação e as condições de el-rei D. Fernando. E quando viu tudo bem encaminhado meteu-se num navio direitinho a Portugal, para ir falar com D. Fernando.

Chegou ao Pôrto onde desembarcou tão bem disfarçado que ninguém deu por êle; era preciso que os espanhóis não soubessem da sua vinda, por causa da promessa de el-rei de nunca mais o receber em terras de Portugal. Assim D. Fernando faltava à sua palavra, o que é uma das piores acções que um homem pode fazer, e mormente um rei. E tais feias acções contra a honra nunca dão proveito, e a maior parte das vezes trazem desgraças a quem as faz.

D. Fernando estava então em Estremoz. O Andeiro lá foi ter com êle depois de cartas e combinações tais que o fidalgo espanhol chegou sem ninguém desconfiar de cousa alguma, tal foi o segredo e o disfarce de tudo isto.

El-rei não cabia em si de contente; via que os seus planos saíam certos e que os príncipes inglêses estavam prontos a vir ajudá-lo contra os castelhanos, e isso era o que êle queria.

No castelo de Estremoz havia uma tôrre onde D. Fernando mandou preparar o aposento de João Fernandes Andeiro; e nessa mesma tôrre havia uma sala muito bem paramentada e rica onde el-rei costumava dormir a sesta com a rainha. Era nessa sala que o Andeiro, descendo do seu aposento, às escondidas, vinha falar com el-rei a respeito de tôdas as combinações que fizera com os inglêses. E quando, depois destas conversas, D. Fernando se ia embora a tratar de outros negócios do reino, Dona Leonor Teles deixava-se ficar com o fidalgo espanhol.

Já se conheciam e se estimavam, e êsse era o motivo do contentamento do Andeiro por ter podido voltar a Portugal. Mas foi ali, na tôrre do castelo de Estremoz, que começou o namôro. Amor mais amaldiçoado não podia haver: de uma rainha má e infiel, e de um fidalgo traidor. E êste foi o pri-

meiro mal que veio da feia acção de D. Fernando faltando ao que prometera e jurara. Aqui principiou também o castigo de tantas maldades que Flor de Altura fizera; porque ela, que até ali nunca gostara de ninguém senão de si própria e que parecia não ter coração, tomou-se de tal amizade por aquêlê homem, que já não tinha nenhum contentamento senão na sua companhia.

El-rei não desconfiava. João Fernandes Andeiro não podia sair da tórre por ter de ali ficar escondido, e a sala de sesta era onde a rainha costumava estar; por estas razões e pela cega confiança que tinha em Dona Leonor Teles, não via D. Fernando mal naquelas conversas continuadas. Mas alguns fidalgos que estavam no segrêdo do esconderijo do Andeiro, levavam aquilo muito a mal e percebiam que entre êle e Flor de Altura alguma cousa havia; porque amor assim não é fácil de encobrir.

Dêste modo se foi passando o tempo e por fim João Fernandes Andeiro lá abalou outra vez para Inglaterra, com as cartas de D. Fernando para os príncipes.

D. Henrique de Castela tinha morrido, como já ficou dito; e quem lá reinava agora era seu filho D. João. Quando êste rei soube da traição de D. Fernando, foi aos ares; nem outra cousa era de esperar. Marcharam logo tropas espanholas para a fronteira e começaram correrias e assaltos, ora dos castelhanos em terras portuguesas, ora dos portugueses em terras castelhanas; e isto com ferimentos, mortes e muitos danos e desgraças, sobretudo para Portugal; porque as tropas espanholas eram muito mais numerosas e bem ensinadas e comandadas do que as portuguesas.

Por terra iam assim as cousas muito mal; e por mar não iam melhor. As galés portuguesas foram mandadas para as bandas de Sevilha combater a frota castelhana e, no pôrto de Saltes, sofreram uma grande derrota; foram umas afundadas e outras aprisionadas; de tal modo que não voltou nenhuma. Da gente que levavam, uns morreram, outros foram presos; lá ficou tudo, assim como armas e riquezas que iam nas galés. El-rei D. Fernando teve com isto grande paixão; mas a rainha Dona Leonor Teles, em lugar de o consolar, disse-lhe com muito desprêzo:

— Não sei porque vos anojais pela perda da vossa frota. No ponto em que tudo ia, nunca esperei outra cousa.

Dava ela assim a entender que a culpa era de el-rei e do mau govêrno em que trazia as tropas e os armamentos, e tudo que pertencia à guerra. E era verdade. Mas se el-rei governava mal, as culpas dela ainda eram maiores.

A frota inglêsa chegou a Lisboa. Eram quarenta e oito navios. Vinha nêles a flor da fidalguia de Inglaterra e muitos cavaleiros de outros reinos; e, entre gente de armas e frêcheiros, traziam mais de três mil homens.

O duque de Lencastre, filho de el-rei de Inglaterra, era casado com uma princesa espanhola e pretendia para seu filho o trono de Castela. Não vinha só para ajudar os portugueses; vinha sobretudo para, juntando fôrças com êles, apanhar a coroa de Castela para o filho.

Ora os inglêses daqueles tempos eram gente bravia que não tinha os costumes nem a delicadeza do povo português. Tôda aquela soldadesca se espalhou pelos arredores de Lisboa, mais como inimigos que amigos. Não faltavam desgraças. Os inglêses entravam nas casas e levavam tudo; quando os moradores se defendiam, matavam-nos. De tôda a parte chegavam queixas a el-rei que, por sua vez, se queixava ao príncipe inglê. Mas êste não fazia caso nenhum. E por fim, indo as cousas de mal a pior, o bom povo de Portugal, vendo que ninguém lhe acudia, começou a fazer justiça por suas próprias mãos. Caçava os inglêses nem que fôssem coelhos; dava cabo deles sempre que podia, e de tal modo que, a final, quando se foram embora, mais de um têrço dos inglêses ficaram mortos em Portugal sem nunca terem entrado em combate.

Nunca entraram, a valer, num combate. Quando el-rei D. Fernando lhes deu os cavalos precisos e tudo se preparou para irem combater os espanhóis,

estes não quiseram dar batalha. E assim os ingleses vieram a Portugal e foram-se embora sem proveito para elles nem para ninguém, e só com despesas e grandes danos para os portuguezes.

João Fernandes Andeiro veio para Portugal na companhia do conde de Cambridge; e desta vez bem às claras, porque as pazes de D. Fernando com os castelhanos estavam quebradas e el-rei já não cuidava em esconder que faltara às suas promessas.

O Andeiro estava agora como queria. Andava na côrte que nem um príncipe; e Dona Leonor Teles, perdida de amores por elle, nem sequer escondia já a sua paixão e fazia tudo que elle lhe pedia. El-rei, cada vez mais doente, já não mandava nada; dava ordens medrosas e descontraídas. Começava a sentir os resultados da sua fraqueza e da sua loucura. O tempo dos divertimentos estava acabado para elle e já não tinha fôrça nem poder para evitar os males e vergonhas que se espalhavam sobre a infeliz terra de Portugal. Ingleses e espanhóis entravam pelos nossos campos, aldeias, arredores de cidades, roubavam, matavam e largavam fogo depois de se encherem de tudo que apanhavam.

Flor de Altura não se ralava. Bem se importava ela que outros padecessem! Só cuidava do que lhe dava gosto. Como por esse tempo morresse um grande fidalgo, Senhor de Ourém, logo ela conseguiu de el-rei que essa vila e terras fôsem dadas a João Fernandes Andeiro que, daí por diante, ficou sendo conde de Ourém e rico e poderoso fidalgo de Portugal.

Pouco depois, estando a côrte em Elvas, deu a rainha à luz um filho que logo morreu. Dizem que foi el-rei que o matou porque, sabendo que a criancinha não era dele, dissera assim:

— Isso não. Não subirá ao trono de Portugal um filho do conde Andeiro. Isto são cousas que dizem e ninguém sabe se foi verdade ou não. Mas por aqui se vê a desgraça em que andava a nossa terra.

Dona Leonor Teles fazia o que queria e o seu culpado amor pelo conde espanhol aparecia bem claro aos olhos de todos sem que ninguém se atrevesse a ir-lhe à mão. Nem ela se arreceava fôsse lá de quem fôsse, porque tinha nas mãos todo o poder.

Havia porém um homem, — rapaz de vinte e quatro ou vinte e cinco anos — de quem Dona Leonor Teles desconfiava. Nunca recebera dele uma má palavra nem elle tivera para a rainha senão acções de cortesia e respeito. Mas a rainha, sem saber bem porquê, não se sentia à vontade diante dele, nem lhe agüentava o olhar sério.

Era este rapaz o filho mais novo de el-rei D. Pedro o *Justiceiro*, seu filho bastardo, meio irmão de el-rei D. Fernando. Fôra criado com os frades guerreiros da Ordem de Aviz. Era o Mestre de Aviz, D. João.

Sisudo e de poucas falas, tinha tão bom e seguro pensar, que ninguém cuidava, ao ouvi-lo, na sua pouca idade. Muito a peito guardava elle todas as cousas da honra e o seu coração era grande e forte e a sua vontade firme. De altura regular, era delgado, rijo, bem feito e bem parecido. Cavaleiro de mão cheia, grande monteiro, ninguém melhor do que elle manejava a espada e a lança. E na sua alma serena não havia lugar para o medo nem para a mentira.

O povo estimava-o e respeitava-o. Cheio de juízo, abrasado em amor pela terra de Portugal, a sua vida era limpa e clara como água nascente. Dona Leonor Teles, que tão sôfrega era do poder, tratava sempre de se desembaraçar de quem podia fazer-lhe sombra; assim com feias intrigas tanto fizera que afastara de Portugal os dois irmãos de el-rei D. Fernando, os infantes D. João e D. Deniz (filhos de Dona Inez de Castro), que agora andavam em Espanha ao serviço do rei de Castela. E agora tramava intrigas e enredos a ver se fazia o mesmo àquele irmão mais novo de el-rei, que o povo tanto estimava.

Mas o Mestre de Aviz não era arrebatado e não se deixava governar

pelas paixões, como os seus irmãos, de quem a rainha se desembaraçara com pouco trabalho. Com êste fiava mais fino; e quando Flor de Altura sentia sôbre si aquêlo olhar severo que a condenava, bem percebia que dar cabo de tal homem, seria tarefa muito difficil.

No entanto, com sua espezteza maldita e seus danados enredos, Dona Leonor Teles conseguiu uma vez mandar prender o Mestre de Aviz mais um seu fiel companheiro chamado Gonçalo Vasques de Azevedo. Escreveu cartas falsas, embrulhou tudo e fingiu a assinatura de el-rei para a ordem de morte que mandou ao fidalgo que os guardava. E bem perto andou de conseguir os seus malvados fins. Mas o fidalgo que guardava o Mestre de Aviz mais o seu companheiro, desconfiou e foi ter com el-rei D. Fernando que negou tudo. A rainha viu o caldo entornado e, receando que grande parte da fidalguia e o povo se levantassem contra ela, mandou soltar os presos e recebeu-os no palácio com fingidas cortesia e pena, dizendo que tudo fôra confusão e que não era culpada. Mas o Mestre de Aviz, ao sair da prisão, trazia o semblante carregado e pensava de si para si:

— Isto assim não pode continuar; nem se podem consentir tais cousas na sagrada terra de Portugal.

Batera-se como valente que era contra os espanhóis, não em batalhas a valer, que as não houvera, mas em escaramuças e perigosas lutas na defesa das fronteiras e de vilas e castelos ameaçados. Mas isto não lhe bastava; e não era de Castela que vinha o maior perigo a Portugal, mas sim do mau govêrno que tinha e da desordem que havia em todo o reino. Tinha o Mestre um grande amigo que valia ainda mais do que êle e que se chamava D. Nun'Álvares Pereira.

E tomem todos bem sentido neste nome, que não deve haver bom português que não traga na memória e no coração o nome de D. NUN'ÁLVARES PEREIRA!

Havia naquele tempo em Portugal quatro irmãos fidalgos de boa raça. Um deles chamava-se D. Nun'Álvares Pereira e ainda nem sequer tinha vinte anos.

Ora, quando a frota castelhana entrou no Tejo, ninguém lhe foi à mão; as galés portuguesas tinham sido derrotadas em Saltes, como já ficou dito, e os barcos inglêses, depois de desembarcarem os príncipes e as tropas, tinham-se retirado.

Os castelhanos, vendo-se assim à vontade, vinham a terra por aquêles arredores de Lisboa, de uma banda e da outra do Tejo, e faziam roubos e tôda a qualidade de danos, conforme lhes dava na cabeça.

El-rei D. Fernando, sabendo isto, afrontou-se muito contra o capitão que estava encarregado de guardar a cidade de Lisboa; e despedindo-o daquele lugar mandou para lá o irmão mais velho de Nun'Álvares Pereira. Os quatro irmãos, que estavam na província, puseram-se logo a caminho de Lisboa com seus parentes e amigos e sua gente de armas.

Vinha aquella cavalgada perto de Sintra, quando lhes chegou a notícia de que os castelhanos da frota andavam em terra por ali perto.

Os quatro irmãos ficaram todos contentes de vir em tão boa hora, e logo meteram esporas aos cavalos para não perderem aquella ocasião de dar uma lição rija aos espanhóis. Estes, costumados a não encontrar quem lhes tolhesse os passos, andavam descuidados; quando viram aquêlo trôço de gente armada e resoluta que vinha sôbre êles com tão boa vontade, perderam a cabeça e só cuidaram em se pôr ao fresco.

Mas os outros deram sôbre êles que nem leões e, obrigando-os a combater, ali mataram muitos, outros levaram prisioneiros, e apanharam-lhes as armas e tudo que tinham roubado. Levando diante de si aquella presa, assim entraram em Lisboa onde o povo os recebeu com grandes aclamações e alegria.

Os castelhanos da frota, depois daquelle bom castigo, ganharam mêdo e trataram de se acautelar. Só vinham agora a terra às escondidas e contenta-

vam-se com roubos de fruta, perto do rio, não se atrevendo a entrar pela terra dentro como dantes.

A-pesar-de Nun'Álvares nem sequer ter ainda vinte anos, não havia em terras de Portugal nem em tôda a cristandade, coração maior que o dele; nem alma que fôsse mais leal e forte. Desde muito novo parecia que Deus o marcara para as cousas tão grandes e belas que veio a fazer mais tarde. Pequeno de corpo e delgado, era rijo como aço, e todo cheio da graça de Deus que tudo em que se metia lhe saía certo nem que fôsse por milagre. E bom, e justo, e tão abrasado de fé, que todos se fiavam nêlo como num grande capitão.

Vendo que os espanhóis continuavam ainda a vir a terra fazer seus roubos, Nun'Álvares um dia tirou-se dos seus cuidados e, sem dar cavaco aos irmãos, resolveu dar bom ensino àqueles atrevidos ladrões. Combinou com um seu cunhado e outros amigos, tudo rapazeada nova, irem armar uma cilada aos inimigos. Entre todos não passavam de vinte e quatro, mas isso não dava cuidado a Nun'Álvares.

Puseram-se em cilada pelas alturas da Ponte de Alcântara. Naquele tempo a cidade ainda se não estendia até ali; era tudo vinhedos e pomares. Esconderam-se o melhor que puderam nuns barrancos; e com tão boa sorte que pouco tardaram os castelhanos em vir ali mesmo às uvas.

Nun'Álvares apou-se e os outros com êle e caíram de surpresa sôbre os ladrões, com tal gana, que estes em breve largaram a fugir para os barcos, deixando o chão juncado das armas que traziam. Entendendo Nun'Álvares que, por aquela vez, lhes não podia fazer maior dano, montou de novo a cavalo e foi-se, mais os seus, para riba de um oiteiro de onde os castelhanos muito bem os podiam ver, pois não queria Nun'Álvares que os inimigos cuidassem que tinha mêdo deles.

Mas os das galés, afrontados com a coça que os seus acabavam de apañhar, decidiram vingar-se. Lançaram à água uns poucos de batéis onde embarcaram uns duzentos e cinqüenta homens bem armados e dispostos a batalhar. Mêdo não levavam nenhum, porque só tinham diante de si vinte e quatro cavaleiros tão novos que mal se lhes via a barba, e comandados por um capitão que lhes parecia uma criança. Desembarcaram com muita algazarra de troça como quem ia bem seguro de si.

Nun'Álvares não se atemorizou. Mêdo era cousa que não conhecia. Ria-se, todo contente da sua vida.

— Ora louvado seja Deus! — dizia êle aos companheiros. — Até que emfim temos ocasião de fazer bom uso das nossas armas e de mostrar a estes ladrões que Portugal não é terra maninha e que ainda por cá há portugueses!

Mas os que iam na sua companhia, ao verem o número dos inimigos e o modo em que vinham, e tendo por certa a morte que ali os esperava, perderam o ânimo e a vergonha; uns fugiram a caminho da cidade tão depressa quanto os cavalos podiam levá-los, e outros afastaram-se e esconderam-se conforme puderam.

Achando-se assim desamparado, Nun'Álvares voltou o coração para Deus e, metendo esporas ao cavalo e ardendo em fé, atirou-se sôzinho contra aquêles duzentos e cinqüenta inimigos. A galope e de lança em riste foi sôbre êles, tão seguro de si e animado nem que levasse atrás mil cavaleiros. Logo ao primeiro embate se lhe quebrou a lança. Deitou então mão à espada e de tal modo a manejou que a cada golpe tombava um inimigo e, a-pesar da multidão que o cercava, via-se à sua volta a grande clareira que a espada lhe abria.

Os castelhanos não o poupavam; choviam sôbre êle rijos golpes de lanças, pedras e frechas. Mas a sua armadura era de tão boa qualidade que se amolgava mas não se rompia; e ali estava a mão de Deus a guardá-lo para os feitos maiores ainda, que o esperavam no correr do seu glorioso destino.

Por fim, o cavalo, ferido, foi-se-lhe abaixo e arrastou-o consigo; na queda ficou-lhe uma perna presa na correia do estribo e, por mais que fizesse, não

pôde desenhencillar-se. Os castelhanos, em volta, já cuidavam dar ali cabo dele; mas mesmo assim, naquela condição desesperada, nenhum se chegava ao pé dele que não apanhasse castigo, porque a mão rija de Nun'Alvares não largara a espada nem o seu coração perdera a fé.

Os companheiros que se tinham escondido, observaram de longe o que se passava e, ao verem cair Nun'Alvares e os espanhóis encarniçados à sua volta como lobos, encheram-se de vergonha e, ganhando ânimo de repente, correram em seu socôrro, esquecidos do mêdo e pensando só em salvá-lo. Um deles conseguiu cortar a correia que prendia a perna de Nun'Alvares; e êste, pondo-se logo de pé, atirou-se aos inimigos com tal gana e coragem que fazia trabalho de dez ou mais. E os outros não lhe ficavam atrás.

Entretanto os outros portugueses que tinham fugido, chegados a Lisboa espalharam a notícia da aventura e dois dos irmãos de Nun'Alvares, juntando à pressa a gente que puderam, abalaram a socorrê-lo.

O número muito superior dos castelhanos não lhes valeu; nem as boas armas que tinham. Em breve, vencidos pela fúria e bravura daquele punhado de portugueses, fugiram em debandada; e tal pressa levavam que, na ânsia de entrarem nos batéis, muitos se afogaram no rio. A maior parte ficou em terra: uns mortos, outros mal feridos e muitos prisioneiros.

Nun'Alvares voltou para Lisboa com todos os seus, levando os castelhanos feridos e os prisioneiros e as armas que êles tinham abandonado. Nenhum dos seus morreu mas quási todos iam feridos, que a refrega fôra rija; e nove dos seus cavalos lá ficaram mortos.

Ao entrarem em Lisboa, saú o povo a recebê-los com muitos gritos de alegria e aclamações. E esta foi a primeira façanha de Nun'Alvares, quando ainda nem sequer tinha vinte anos.

*
*
*

Passou-se tempo e de novo se fizeram pazes entre Portugal e Castela. As cousas tinham-se arranjado desta vez de maneira que o casamento da infanta Dona Beatriz com o infante espanhol se desmanchou, e se ajustou êsse casamento com o próprio rei D. João de Castela, que entretanto enviuvara. E andava nisto a mão de Dona Leonor Teles que pensava de si para si:

— A infanta minha filha ainda é criança, daqui até ter idade de reinar, fará Deus bom tempo. Entretanto serei eu regente dêste reino de Portugal, e farei aqui tudo que muito bem me parecer.

Aquela mulher sem coração só pensava em si. Pouco se lhe dava que a coroa de Portugal passasse assim para um rei estrangeiro.

Quem andava também contente que nem um rato era o conde Andeiro. Tudo lhe corria às mil maravilhas. Flor de Altura só pensava em lhe fazer tôdas as vontades; e já tôda a gente lhe tinha mais mêdo a êle do que ao pobre rei D. Fernando que definhava de dia para dia e mal se tinha de pé. E o Andeiro pensava:

— D. Fernando está aqui está na cova; e então Dona Leonor Teles será regente; e quem mandará aqui serei eu.

E inchava todo de presunção.

Só uma cousa fazia sombra à raínha e ao Andeiro: era a admiração e o amor do povo pelo Mestre de Aviz e por Nun'Alvares. Percebiam que aquêles dois os não deixariam governar à vontade; mas viam-nos muito novos ainda e fogosos e esperavam a melhor ocasião de os embrulhar nalguma intriga ou traçoero enrêdo para se verem livres deles como se tinham visto livres de todos aquêles que até ali os tinham incomodado. Mas o que êles não sabiam era que Deus tinha confiado a estes dois belos rapazes a salvação de Portugal.

Tendo-se tratado o casamento da infanta Dona Beatriz com el-rei D. João de Castela, ficou resolvido que as bodas se fariam na cidade de Elvas.

El-rei D. Fernando estava já tão perto do seu fim, que não pôde ir; e ficou em Almada. O seu mal era de morte e já nem se erguia da cama. Mas a rainha Dona Leonor partiu para Elvas com tôda a sua côrte e grande aparato de acompanhamento e bagagens, levando a infanta na sua companhia. E ao seu lado, montando um cavalo de grande preço, coberto de trajes ricos e cumprimrentando à direita e à esquerda, nem que fôsse pessoa real, lá ia o conde Andeiro.

El-rei de Castela já estava em Badajoz com tôda a sua côrte. A esta cidade foram o Mestre de Santiago e muitos dos melhores fidalgos de Portugal. El-rei D. João esperava-os na Sé Catedral que, para tal fim, estava tôda aparaentada. E ali estavam também altos fidalgos das Espanhas.

O bispo de Badajoz defronte do altar-mor segurava nas mãos a patena com o Corpo de Deus consagrado; e defronte dele foram lidos os contratos de casamento e da herança do reino de Portugal. El-rei de Castela ouviu tudo com muita atenção e disse que aprovava. Pudera! Nestes contratos se firmava que êle casaria com a infanta Dona Beatriz, filha única de el-rei D. Fernando e herdeira do trono; e que, por morte de seu pai, ficaria ela rainha dêste reino; e enquanto ela fôsse de menor idade, ficaria regendo o reino sua mãe, Dona Leonor Teles.

Em Elvas, numa grande várzea que chamavam Ribeira de Chinchas, tanto portugueses como castelhanos tinham armado suas tendas; e não se podia dizer onde havia mais luxo e esplendor. Tudo eram sêdas e pratos e oiros e panos ricos de vistosas côres e bandeiras e enfeites de pasmar.

Apenas el-rei de Castela chegou a Elvas, começaram as cerimónias das bodas.

Primeiro saíu da sua tenda a rainha Dona Leonor Teles levando consigo a infanta Dona Beatriz e com grande e mui luzido acompanhamento de cavaleiros e damas, pagens, oficiais da sua casa, tudo em lindos cavalos e ricos trajes, que era um regalo ver, e ao som de trombetas e músicas que atroavam os ares. Ao encontro da rainha veio D. João de Castela e, fazendo grande reverência à infanta sua noiva, seguiu a pé até junto de Dona Leonor Teles, tomando-lhe a rêdea do cavalo e assim a levou até à sua tenda.

A rainha Dona Leonor ia vestida de tecido de oiro e levava tantas prendas e tão ricos enfeites que nada se podia ver de mais perfeito do que a sua formosura e a sua graça.

Quando chegaram todos à tenda de el-rei de Castela — que parecia uma capela real, tal era a riqueza de oiros, pinturas, preciosos tecidos e pedrarias que a aparaentavam —, o cardial de Aragão tomou pelas mãos el-rei D. João e a infanta Dona Beatriz e ali os casou solenemente.

E era cousa de maravilhar, ver aquela noiva pequenina (que mal tinha doze anos) enfeitada como um andor de procissão e tôda séria e recatada nem que fôsse já senhora, dizendo com muita atenção as palavras de preceito e recebendo as bênçãos da Igreja ao lado do seu marido que bem podia ser seu pai. O noivo era esguio, magro, de rosto macilento como pessoa doente. Era novo, mas parecia de mais idade que a que tinha e a cara não era prazenteira nem havia alegria no seu olhar frio.

A esta cerimónia se seguiram grandes festas e folganças, tanto nas tendas reais como entre o povo espalhado por aquela várzea.

Mas nem o Mestre de Aviz nem Nun'Álvares andavam contentes. Afrontava-os o Andeiro, vestido que nem um rei e a quem já todos prestavam homenagem com grandes servidões e cortesias para serem bem vistos da rainha; e afrontava-os aquêle casamento que era, no seu entender, grande desgraça para Portugal, porque, durante a menoridade da infanta, quem ficava reinando era Dona Leonor Teles e, por detrás dela, o Andeiro; e depois quem reinaria, *de nome*, seria a infanta, mas *em verdade*, o rei de Castela. E assim esta terra sagrada de Portugal que tanto e tão bom sangue custara a ganhar, passaria a pertencer à Espanha.

— Isto não pode ser, — dizia Nun'Álvares ao Mestre de Aviz. — Deus não pode querer tal cousa. Vós sois o herdeiro d'este reino, meu senhor. Portugal tem de ter um rei português.

— Que posso eu fazer, Nun'Álvares?

— Matar o Andeiro. Acabar com esta vergonha. Salvar a terra e o povo de Portugal!

O Mestre não respondeu. Carregou-se-lhe o semblante e levou a mão ao punho do cutelo que trazia à cinta. Parecia-lhe que tinha recebido um aviso do céu.

Os fidalgos que andavam em volta da rainha e do Andeiro adivinhavam o desprezo que havia por elles no coração de Nun'Álvares. Desconfiavam dele e queriam-lhe mal; e como elle era ainda muito novo cuidavam que podiam tratá-lo com certo desdém e até fazer pouco dele. Assim quando chegou a hora do grande jantar das bodas, houve ali um acontecimento que deu muito que falar.

Havia no tampo da sala a mesa real e, das duas bandas, outras mesas para os fidalgos castelhanos e portugueses, condes e condessas, donas e cavaleiros, tudo segundo as suas categorias. E era cousa de se ver aquelas mesas cobertas de ricas baixelas e enfeitadas que nem altares e todos aquêles senhores e senhoras com os trajes mais ricos e vistosos que se podiam imaginar.

Ora quando Nun'Álvares entrou na sala com um dos seus irmãos, a mesa onde elles se deviam sentar já estava tôda occupada por outros fidalgos; e ninguém fêz caso e alguns até riram à socapa de os ver sem lugar.

O sangue subiu à cabeça de Nun'Álvares que disse para o irmão:

— Não sei que estamos fazendo aqui. Mais vale voltarmos para as nossas pousadas. Mas antes de nos irmos, quero eu rir d'estes que agora se estão aqui rindo de nós.

E chegando-se à mesa onde se devia sentar e onde não encontrara lugar, deu com o joelho com tamanha fôrça no pé da mesa, que logo o quebrou e, com grande estrondo, tudo veio a terra. Os que estavam sentados em volta daquela mesa, levantaram-se em sobressalto e muita confusão, os homens zangados, as senhoras assustadas; em tôda a sala se ergueu grande borborinho. Mas Nun'Álvares, com o irmão, caminhou para a porta com ar descuidado e tranqüillo como se nada fôsse com elle e sem dizer uma nem duas, foi-se embora.

Dona Leonor Teles, que muito bem vira o que se passara e estava contente da desfeita que tinham feito a Nun'Álvares, agora mordida os beiços com tal raiva que até se tingiram de sangue; e mais ainda se enfureceu quando el-rei de Castela, sentado ao seu lado, disse assim, disfarçando um sorriso:

— Vingou-se bem. E quem tal cousa é capaz de fazer neste lugar, está marcado para muito mais.

Findas as bodas e as festas, voltou D. João de Castela para o seu reino, levando sua mulher pequenina com grande acompanhamento e alegrias, danças e jogos que todos iam fazendo pelo caminho.

Em Badajoz, na Sé, se terminaram as cerimónias do casamento com aparato e riqueza nunca vistos. Vinham el-rei e a rainha menina em dois cavalos muito lindos e brancos de neve e aparelhados com grande riqueza, e traziam coroa de oiro na cabeça e trajes e prendas que luziam como o sol. E em volta de cada cavallo, caminhavam quatro fidalgos segurando hastes doiradas que sustentavam docéis de tecido de oiro.

Através da Espanha, de terra em terra, lá se foram, recebidos por tôda a parte com grandes festas e alegrias.

Pouco depois d'este casamento de sua filha, el-rei D. Fernando sentiu-se tão enfraquecido, aflito e atormentado pela doença, que adivinhou para breve

o fim da sua vida; e mandou que o levassem de Almada, onde estava, para a cidade de Lisboa onde queria morrer. E mandou que o levassem de noite e escondido, com ordem de ninguém assistir à sua passagem, pois não queria ver o povo nem que o povo o visse no estado em que ia.

Quem tanto gostara de festas e de divertimentos que a êles sacrificara o govêrno do seu reino, fêz aquella sua última jornada numa maca, à luz de alguns archotes, pela calada da noite. E por onde ia passando não via viva alma, nenhuma porta se abria, em nenhuma janela aparecia uma candeia sequer.

Assim chegou a Lisboa e entrou no palácio para morrer, aquêlê triste rei que fizera algumas cousas acertadas e boas na sua vida e pudera ter feito mais se não fôra desencaminhado e perdido por uma má mulher. Quem o visse naquela hora, todo mirrado e sem côr, descarnado que metia mêdo, mal diria que ali estava o lindo e esbelto rapaz que subira ao trono de Portugal havia dezasseis anos.

Padeceu ainda alguns dias e, vendo que não tinha alívio e que a sua hora chegara, pediu os Sacramentos. Quando o padre lhe disse os artigos da fé e lhe perguntou, como era costume, se nêles cria, respondeu:

— Tudo isso creio como fiel cristão; e creio mais que Deus me deu estes reinos para os manter em direito e justiça; e eu, por meus pecados, governei de tal maneira que não sei como Lhe hei-de dar contas da minha vida quando chegar à sua divina presença.

E dizendo estas palavras, largou-se a chorar rogando a Deus que lhe perdoasse; e todos que presentes estavam, não podiam suster as lágrimas com dô dele.

Neste comenos entrou no aposento o conde Andeiro. Com fôrça que espantou quem o viu e que até parecia milagre em corpo tão consumido e acabado, ergueu-se el-rei num ímpeto, das almofadas que o sustinham. Quis falar e não pôde. Secaram-se-lhe as lágrimas e os olhos, fitos no conde e esgazeados, faisaram de raiva como dois carvões acêsos. Levantou o braço descarnado e apontou para a porta; e, tendo gasto naquele gesto de indignação e cólera o que ainda lhe restava de vida, caiu para trás morto.

O conde Andeiro baixou a cabeça, a tremer de mêdo, como se tivesse visto um fantasma a amaldiçoá-lo; e, sem mais uma nem duas, saiu do aposento bem mais depressa do que entrara. E não só saiu do aposento mas saiu também do palácio e, montando a cavalo, abalou para o seu castelo de Ourém de onde não saiu durante muitos dias.

Tão de-pressa morreu el-rei D. Fernando, logo D. João de Castela mandou recado a Dona Leonor Teles e a muitos alcaides de Portugal, recomendando-lhes que apregoassem por todo o reino a raíinha de Castela, sua mulher, como raíinha de Portugal, segundo ficara assente nos tratados. E logo por todo o reino assim se fêz.

Mas a cousa não saiu tão certa como el-rei de Castela e Dona Leonor Teles esperavam.

O alcaide de cada cidade, vila ou lugar, montava a cavalo, como era então costume nestas ocasiões, rodeado dos principais fidalgos do sítio e levando na mão a bandeira real portuguesa; e parando aqui e além no meio do povo que logo se juntava, gritava em altas vozes:

— Arraial! Arraial! pela raíinha Dona Beatriz de Portugal e de Castela!

E o povo devia repetir aquêlê grito; assim ficava o novo rei ou raíinha aclamado por todo o reino. Mas daquela vez o povo calava-se e não respondia.

Os moradores de Lisboa, juntos aos magotes pelas ruas e carrancudos, resmungavam:

— Quem há-de tomar voz pela raíinha de Castela? Se é de Castela não é de Portugal. Quem há-de consentir que se dê assim de presente a Castela, esta terra de Portugal que tanto custou a ganhar?

Em Santarém ainda foi pior. A multidão de povo em volta do alcaide e dos fidalgos calava-se. O alcaide perguntou:

— Porque vos calais? Gritai comigo: Arraial pela rainha Dona Beatriz! Então uma velha disse assim:

— Em má hora gritaria a gente com Vossa Senhoria. Sujeitos nós a castelhanos? Tinha que ver! Arraial mas é pelo infante D. João que é herdeiro deste reino!

Ao ouvir isto, todo o povo se levantou a dizer o mesmo que a velha dizia. E a mais e mais se juntava gente e por fim começaram a atirar pedras ao alcaide e correram para êle de espadas desembainhadas; e o alcaide largou a fugir para o castelo, senão davam ali cabo dele.

E isto não foi só em Lisboa e Santarém mas também em Elvas e em muitos dos principais lugares do reino.

O povo gritava:

— Viva o infante D. João! Quem o dera agora aqui! Veríamos quem se atreveria a gritar: Arraial! pela rainha de Castela!

Mas o infante D. João (que, depois de D. Fernando, era o filho mais velho de el-rei D. Pedro o *Justiceiro*) fugira para Espanha, como já ficou dito, por causa dos enredos que lhe armara Dona Leonor Teles, e agora el-rei de Castela tinha-o preso e bem guardado em Toledo para êle não aparecer em Portugal.

Mas se muitas terras do reino se recusavam a aceitar a rainha de Castela, muitas outras a aclamavam. E assim em pouco tempo se levantaram os portugueses uns contra os outros, cada qual com a sua opinião.

Nun'Álvares andava maluco de paixão com tôdas estas cousas. Ele que tanto amava a sua terra, vê-la assim governada por Flor de Altura, aquela má mulher, e pelo conde Andeiro! E ter de aceitar por seu senhor um rei de Castela!

Nem êle nem o Mestre de Aviz se conformavam com tal vergonha. Conversavam os dois entre si:

— Tal cousa não será, — dizia Nun'Álvares —, enquanto eu tiver uma gôta de sangue neste corpo.

Tinha que se fazer uma grande limpeza, tinha que se salvar a terra de Portugal!

Quem governava então em Lisboa era um velho, chamado Alvaro Pais, que tôda a gente estimava e respeitava. E êsse também, leal e forte de alma, não podia levar à paciência Dona Leonor Teles, nem o conde Andeiro, nem que Portugal ficasse governado por um rei de Castela.

Nun'Álvares foi ter com o velho Alvaro Pais. Lá lhe disse as suas razões: que era preciso acabar de vez com tantas vergonhas e que o Mestre de Aviz, como filho de rei e estimado como era pelo povo, devia matar o Andeiro; e que êle, Nun'Álvares estava com o Mestre, pronto a dar a vida pela salvação do reino.

Alvaro Pais abraçou o rapaz e respondeu logo que contassem com êle e com todo o povo de Lisboa. E então estes dois mais o Mestre de Aviz combinaram tudo.

Uma bela manhã o Mestre de Aviz, acompanhado por vinte fidalgos tão resolutos como êle, apeou-se à porta do palácio real e subiu até ao aposento onde estava a rainha Dona Leonor Teles. O porteiro, vendo todos aquêles cavaleiros armados, não queria deixá-los passar; mas entraram à fôrça.

A rainha estava sentada no estrado e rodeada pelas suas aias; o luto ainda mais realçava a sua grande beleza; o preto do vestido tornava mais vermelhos os lindos cabelos ruivos e os olhos pareciam maiores e mais brilhantes. Aos seus pés reclinava-se o Andeiro, todo apurado e cheiroso, de gibão de sêda escarlate, sorrindo, cheio de si como um pavão.

Mas quando a porta se abriu e apareceu o Mestre de Aviz com os companheiros, tanto a rainha como o Andeiro ficaram tolhidos de espanto. De espanto e de susto porque o Mestre avançou para êles muito sério e sem dizer palavra.

Dona Leonor Teles disse-lhe assim:

— Que é isto, irmão? Que vindes aqui fazer com tamanha companhia e todos armados?

O Andeiro levantou-se, ganhando ânimo, fingiu não perceber a má cara do Mestre e convidou-o para jantar; e usando da esperteza que tinha, disse que ia dar as suas ordens para o jantar e encaminhou-se para a porta cuidando que assim poderia escapar-se.

Mas o Mestre deitou-lhe a mão a um pulso e respondeu:

— Não ides, não. Tenho que falar convosco.

Segurando-o com fôrça pelo pulso levou-o para o aposento ao lado da-quele; e todos os seus companheiros o seguiram. Aí conduziu o conde Andeiro ao vão de uma janela e, sacando do cutelo que trazia à cinta, deu-lhe com êle na cabeça. O golpe não foi de morte.

Atordoado e escorrendo sangue, o Andeiro quis fugir para o aposento da rainha; mas um dos companheiros do Mestre atirou-lhe uma estocada que o estendeu por terra sem vida.

Um pagem que ali estava saiu do palácio a correr e, pelas ruas de Lisboa, ia gritando:

— Acudam! Acudam! que matam o Mestre de Aviz no Paço!

O povo levantou-se logo em grande fúria e alvoroço e caminhou para o Palácio. Iam as ruas cheias e, quanto mais avançava, mais engrossava a multidão e maior era o alarido. Matarem o Mestre de Aviz! Não faltava mais nada! Tal cousa não ficaria sem vingança!

Quando chegaram, ao encontrar as portas do Palácio trancadas, começaram a acarretar lenha e largaram-lhe fogo para queimar as portas e arrombá-las. Alguém veio ao terraço dizer que o Mestre estava são e salvo; mas não acreditaram.

Gritavam:

— Pois se está vivo, que apareça!

O Mestre saiu ao terraço que dava sôbre o Tejo; e quando o povo o viu entre a fumarada da lenha que ardia, os gritos de alegria atroaram os ares. Mas agora espalhava-se a notícia da morte do conde Andeiro; e a alegria do povo ainda mais cresceu:

— Viva o Mestre de Aviz! Viva o salvador do reino!

Levaram-no em triunfo pelas ruas da cidade. Aquêles sim, aquêles estava no coração de todos. Todo o povo de Lisboa tinha fé nêle.

— Viva o salvador de Portugal!

No palácio havia agora grande sossêgo. Com o Mestre tinham ido quási todos; os que ficaram, escondiam-se, cheios de medo. Flor de Altura, abraçada ao corpo do conde Andeiro, chorava de dor e de raiva. E só pensava em se vingar.

— O Mestre há-de mo pagar! Há-de mo pagar! — dizia ela.

Poucos dias depois fugiu para Santarém e mandou recado ao rei de Castela, que viesse de-pressa antes que a coroa de Portugal passasse para o Mestre de Aviz.

Tantas guerras tinham empobrecido o tesouro castelhano. El-rei D. João, para as despesas das tropas e armas que queria levar consigo, teve que ir buscar dinheiro ao tesouro de Nossa Senhora de Guadalupe, o que o povo lhe levou muito a mal. Mas êle bem adivinhava que para deitar a mão à coroa de Portugal, teria de empregar a fôrça. Entrou pelas bandas da Guarda com um exército e levando consigo a rainha Dona Beatriz.

Foi descendo até Santarém. Alguns lugares entregavam-se-lhe, outros não. Por tôda a parte havia escaramuças e combates.

Dona Leonor Teles andava impaciente pela chegada do genro. Cuidava ela que a sua vingança estava para breve e que el-rei de Castela a ajudaria. Mas el-rei de Castela, ao chegar a Santarém, a primeira cousa que fêz foi

obrigá-la a assinar um papel em que desistia da regência. E meteu-a num convento de onde a não deixava sair, dizendo que assim estava guardada e ninguém lhe faria mal. Sempre com o mesmo pretexto de a guardar, tinha às portas do convento duzentos homens armados, de modo que dali não podia ela fugir.

Mas el-rei D. João tinha muito em que pensar. Em Coímbra, o povo não queria reconhecer a rainha Dona Beatriz; estavam todos com o Mestre de Aviz. El-rei de Castela decidiu-se a ir lá com as suas tropas; levou consigo as duas rainhas, a mulher e a sogra; mas esta ia presa. A-pesar-de tôdas as cautelas de el-rei D. João, Dona Leonor Teles conseguiu armar um grande enrêdo e uma conspiração com o fim de matarem el-rei de Castela. Mas um dos conspiradores, que era judeu, traiçoou os companheiros e foi contar tudo a D. João de Castela. E assim acabaram de vez as intrigas de Flor de Altura, porque o genro mandou-a de castigo para um convento em Tordesilhas, lá para as bandas de Valladolid, e nunca mais a deixou de lá sair. Ali passou os últimos vinte anos da sua vida aquela má mulher que tantas desgraças teceu pelo amor de mandar e de figurar, que lhe consumia o sangue. E durante vinte anos foi mandada e teve de obedecer; e todos se esqueceram dela e morreu sem deixar saúdades a ninguém. Para quem tinha tamanha soberba, não podia haver maior castigo.

A SEGUIR:

HISTÓRIA DA GRANDE BATALHA DE ALJUBARROTA E DA PADEIRA QUE MATOU SETE ESPANHÓIS

α.
27150

*Virgínia de Castro e Almeida escreveu:
o S. P. N. mandou dar à estampa.*

S. P. N.